Mendes, Paulo
Etnográfica, vol. 10, núm. 1, mayo, 2006, pp. 204-206
Centro em Rede de Investigação em Antropologia
Lisboa, Portugal

Disponível em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=372339147013
Dotados de grande ressonância de vozes locais e supralocais, os textos fazem coabitarem elementos estatísticos e projeções numéricas — e.g., taxa de crescimento anual do turismo segundo a Organização Mundial do Turismo (p. 34) —, quadros normativos de governança internacional — e.g., Declaração de Berlim sobre “Biodiversidade e Turismo” (p. 35) —, relatos de viajantes — e.g., Vivendo Volando: um Homem, gli Affari, le Donne, il Sesso, de Claudio Mattiolli Ross (pp. 108-109) —, depoimentos de autóctones — e.g., António Carneiro, presidente da Associação de Melhoramentos, Festas e Feiras de Podence (Macedo de Cavaleiros, Trás-os-Montes) (pp. 144 e 147) —, sendo irreductíveis e insubordinados a uma única perspectiva.

Esmiuçadas pela microscopia antropológica, as modalidades turísticas adquirem a sua máxima variabilidade: ora encontros comensais em Alte (pp. 24-26), ora visitações museológicas em Mértola (Alentejo) (p. 39), ora excursões entre N’toko Wu N’siala (Cabinda, Angola) e o Rio Diti (pp. 45-49), ora deslocações e estadas balneares dos núcleos familiares marroquinos (pp. 54-68), ora passeios populares no espaço público à beira da represa de Nova Ponte (Minas Gerais, Brasil) (pp. 73-77), ora visitas aos salões de massagem (p. 106) e a sessões de peep-shows (p. 107) e tours sexuais em Pattaya, resort perto de Banguecoque (Tailândia) (p. 106), ou nos bordéis de Ocho Ríos (Jamaica) e Acapulco (México) (p. 108) ou nos prostíbulos de Fortaleza (Ceará, Brasil) (p. 109), ora digressões entre o patrimônio arquitetônico reabilitado e “italianizado” dos Caminhos de Pedra (pp. 125-126) e de Serafina Correia (Rio Grande do Sul, Brasil) (pp. 131-133), ora fruição duma expressão performativa da cultura popular de Podence, os caretos (pp. 140-149), ora usufruto sazonal de casas de férias por estrangeiros e “alfacechins” no perimetro contíguo mas exterior à aldeia de Santa Margarida da Serra (Grândola, Alentejo) (p. 157) e hospedagem permanente de estrangeiros nos montes vizinhos (pp. 157-159), ora internamento terapêutico e tratamento termal (p. 162), ora jornada monumental e natural em Sintra e prova gastronômica de queijadas (pp. 172-178).

Para a compreensão destes e doutras casos, manuseiam-se instrumentos analíticos nada marôméros e invariáveis, antes dialógicos e processuais, como os de “encenação turística do local” de Dean MacCannell (p. 21), “etnicidade reconstruída” de Mike Robinson (p. 36), “ficção da identidade” de Marc Augé (p. 127) e “culturas híbridas” de Néstor Canclini (p. 143), abatendo valia compreensiva a concepções avulsas (como cultura) ou contrárias (como tradição versus modernidade, localização versus globalização, dentro versus fora, hospedeiro versus visitante, autenticidade versus encenação, integridade versus contaminação).

Serão desiguais os capítulos (contribuindo para isso inclusive a edição sem conversão ortográfica dos textos originalmente escritos em português do Brasil), sem arrumação sensível na colectânea, mas juntos dão bem a medida da diversidade de perspectivas em presença no subcampo disciplinar da antropologia do turismo e suas interfaces com outras problemáticas sociais, desde (talvez as mais comuns) da cultura, das identidades, das classes sociais, do gênero até (talvez as mais exóticas) às das políticas de desenvolvimento local, do empowerment e da participação pública. Nisto reside a unidade subterrânea da obra.

Remato, dizendo que alguns dos eixos temáticos se encontram notavelmente ilustrados pela colectânea de fotografias (da autoria de Maria Cardeira da Silva) na capa e contra-capa do livro. Não são de somenos, uma vez que a visualidade amplia a percepção da sociodiversidade do fenómeno turístico e, desta forma, auxilia sobremaneira a leitura do livro.

*Ana Gonçalves*  
ISCTE

---

**FRANCISCO ONETO NUNES**  
**A ARTE XÁVEGA NA PraIA DE VIEIRA. HISTóRIAS E IMAGENS**  

Este livro de Francisco Oneto Nunes é como que um voo de baixa altitude sobre a Praia da Vieira, que nos possibilita ver, simultaneamente, detalhes e momentos pretéritos (as fotografias que os fixaram) e o seu enquadramento num todo maior (os textos que agora as situam). Isto, atra-
Recensões

dos momentos que nos permitem visualizar o tempo das sociedades. São fotografias de inegável beleza estética e valor etnográfico que contribuem para o conhecimento de “(...) uma nova fase ao nível da organização do trabalho [arte xávega], no que se afigura como um notável testemunho sociológico da plasticidade adaptativa das companhias de pesca e das relações laborais que as constituem (...)” (p. 58), bem como doutras activida-des de que se ocupavam as gentes da praia. São fotografias que nos mostram também as duas últimas grandes companhias da praia, a alvorada do turismo e a ocupação gradual das dunas com construções mais resistentes às condições naturais adversas que há muito se procuravam controlar (cf. pp. 20-35). As fotografias de Dora Landau constituem o núcleo do conjunto reunido por Francisco O. Nunes. Parafraseando o autor do texto, “(...) testemunho (...) [dum] modo de vida moldado pelo mar, pelas dunas e pelos pinhais (...)” (p. 12).

O tempo da resistência é ilustrado com fotografias do próprio Francisco O. Nunes, de Ana Cláudia Filipe e do Arquivo da Câmara Municipal da Marinha Grande. Falam-nos de um tempo contemporâneo (a partir de 1980), para o qual concorrem, simultaneamente, directivas estatais que dificultam enormemente a pesca artesanal, a escassez de peixe e onde “(...) pequenos barquitos das companhias da Praia da Vieira, com uma tripulação de apenas três homens, teimam ainda em enfrentar as ondas e, assim, safras após safras, vão resistindo à morte anunciada da arte xávega, mantendo viva nesta terra uma tradição halieutica com cerca de dois séculos” (p. 159). 

Afinal, e ainda nas palavras de Francisco O. Nunes, “(...) a atração e o fascínio pelo mar e pela pesca ultrapassam largamente a esfera das necessidades básicas da sobrevivência, ainda que nelas mergulhem dura e dolorosamente as suas raízes” (p. 16).

O uso da fotografia em ciências sociais traz consigo questões que, não sendo objecto procurado por Francisco Oneto para este seu livro, merecem aqui alguma reflexão. Assim, se podemos reconhecer validade histórica, etnográfica, documental e até estética às fotos selecionadas para esta obra, não podemos deixar de questionar os atributos para essa mesma validação e/ou, por outro lado e porventura, encontrar outros textos que contribuam para este mesmo objectivo.
A já referida monografia de Francisco Oneto sobre Vieira de Leiria (cap. VI, em particular) será o texto escrito no qual podemos encontrar outras “legendas” para os instantâneos do livro em recensão. Legendas essas que contribuem significativamente para uma reconsideração do uso da fotografia enquanto documento cultural. É bom recordar que esta última obra de Francisco Oneto, em jeito de álbum fotográfico, é rara na antropologia portuguesa. Ao olhar do fotógrafo – que cristaliza, objectifica e isola um momento; ao olhar do leitor – que centrou no momento “esquece” a vastidão daquilo ficou fora do enquadramento, justapõe-se um outro texto que, simultaneamente, amplia e abre o que o fotógrafo quis retratar. Deste modo, podemos acrescentar à classificação de, por exemplo, Sarah Pink para os elementos intervenientes no momento fotografado – a subjetividade do fotógrafo; a câmara; o fotografado (cf. Pink “Excursiones Socio-visuals en el Mundo del Toro”, em García Alonso et al. (eds.), Antropologia dos Sentidos, 1996: 125-138) – este outro, o enquadramento, a reflexão proposta ao leitor por um autor que não os das fotografias. Será neste cruzamento de olhares, nesta sobreposição de textos que mais facilmente poderemos encontrar justificação para o uso da fotografia enquanto forma de representação / tradução / interpretação cultural. Dito doutro modo, se, por um lado, há muito sabemos que a fixação de um momento num instantâneo fotográfico diz quase sempre mais sobre o fotógrafo do que sobre o fotografado e que sua neutralidade é só aparente, por outro, também há muito sabemos que a justaposição de diferentes métodos de tradução cultural (para a fotografia, o texto escrito em especial, ainda que também ele sempre reflexivo e não neutro) é a melhor resposta aos problemas colocados pela não neutralidade do olhar. Principalmente, porque esta justaposição permite ao leitor diferentes formas de incursão, logo diferentes perspectivas e abordagens, na representação de dada realidade.

Contudo, na leitura de um livro como este carregado de fotografias sobre um tempo passado, a fruição estética e até o espanto parecem sobrepôr-se a qualquer outra tentativa de abordagem. Não somente por causa da eventual qualidade técnica e estética das fotografias, mas também como resultado da inevitável comparação entre o como imaginamos ou conhecemos a ocupação daquele espaço hoje e o como ele (a) parece ocupado tão diferentemente nas fotografias. Se o preto e branco das mesmas contribui para esta comparação (outro elemento que podemos acrescentar à classificação de S. Pink, a técnica aplicada na fotografia), muito do que nelas figura – a indumentária dos sujeitos retratados, as casas, as ruas, etc. – remete-nos imediatamente para um outro tempo. Tempo esse que parece ser, afinal, o objecto deste livro de Francisco Oneto. As fotografias de Dora Landau, Vergilio G. Pedroso e outros parecem ser mais o motivo desta obra do que o seu objecto. Afinal, o subtítulo da obra é “História e Imagens...”.

Paulo Mendes
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
Miranda do Douro

JOSE MACHADO PAIS, JOAQUIM PAIS DE BRITO E MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO (COORDS.)
SONORIDADES LUSO-AFRO-BRASILEIRAS
Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2005

Resultado de um esforço de escuta transdisciplinar que passou pela cooperação entre diferentes e diversas instituições, o volume Sonoridades Luso-Afro-Brasileiras é uma obra polifônica interpretada por vinte executantes convidados a participar no colóquio internacional com o títu-lo homónimo organizado pelo ICS em 2003. Na Introdução ao livro, José Machado Pais desvela ao leitor alguns dos episódios que estiveram na origem desta iniciativa, que contou com a colaboração de instituições como o Chapitó, o Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (CESEM) e o Museu de Etnologia. O referido colóquio “teve um principal objectivo: o de promover a produção de novos conhecimentos sobre os entrecruzamentos e redes de influências musicais no espaço luso-afro-brasileiro” (p. 17).

Machado Pais introduz as várias contribuições de uma forma que muito ajuda o leitor a situar e a selecionar leituras em função dos seus interesses e curiosidade. O leitor é convidado a